

A TERCEIRA ACADEMIA

Para entender as razões da criação de uma instituição de ensino, voltada para estudos filosóficos, nesta quadra pós-moderna dos tempos, sob o título de Academia Platônica de Brasília, bem como para avaliar a pertinência do seu projeto e a justeza de seus propósitos, precisamos traçar uma breve história de certas ideias que moldaram a civilização humana desde o advento da primeira academia, criada por Platão, em Atenas, no século IV a.C. Costuma-se indicar por Grécia Clássica o período que vai, aproximadamente, de 500 a.C. a 350 a.C. e que marca o apogeu de Atenas e da cultura grega. É durante esse período de esplendor da civilização grega que floresce a meditação filosófica e, para muitos, nasce a Filosofia. Nesse período, três nomes destacam-se: Sócrates (470 a.C. – 399 a.C.), Platão (427 a.C. – 347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.). Platão, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles, é o grande escriba que sintetiza o conhecimento filosófico da época e cuja obra, afortunadamente, está quase toda preservada e representa parte importante do alicerce da ciência filosófica.

Embora genial, Platão não partiu do nada. Na verdade, ele sintetizou um saber de pensadores antigos – dos quais restaram apenas fragmentos –, que costumam ser reunidos sob o rótulo de pré-socráticos, tidos como pensadores naturalistas, preocupados com a origem e a formação do universo, que se notabilizaram por sugerirem a conhecida solução de quatro elementos como a origem de tudo: terra, fogo, água e ar. Os pré-socráticos, por sua vez, tiveram por antecedentes as mitologias grega e egípcia, que eram, na época, não exatamente religiões, como hoje se tende a pensar, mas, sobretudo, formas de preservar conhecimento, cultivar valores e prover unidade cultural. Os pré-socráticos iniciaram o processo de racionalização do saber mítico, isto é, de traduzir, de maneira racional e logicamente justificada, o conhecimento a respeito da origem e da criação do mundo contido nos mitos, que se afiguravam ao espírito mítico e matemático grego da época curiosa e tentadoramente verossímeis.

Depois do surto filosófico da Grécia Clássica e sem desconhecer a produção cultural do Império Romano, cabe destacar o cristianismo como ideia básica hegemônica de largo alcance. Falar de cristianismo é falar em Igreja Católica, que nasce, formalmente, com o Concílio de Niceia (325 d.C.) e que introduz, no Império, a solução governamental que vingava vitoriosa no Egito, com as figuras do Faraó e do Vizir. Com a queda de Roma e a diáspora para o interior da Europa, a dobradinha – de poder temporal e de poder espiritual –, nas figuras do príncipe e do cardeal, irá prevalecer em toda a Idade Média. O cristianismo, sem admitir, apropria-se de certas ideias do platonismo e enfrenta oposição do Neoplatonismo, que tenta restabelecer a verdade, mas acaba vencido com a proibição do ensino de Filosofia, no Império, em 529 d.C. Depois do cristianismo, a outra manifestação cultural notável foi o movimento de transformação cultural que teve início com a Renascença italiana, no século XV, e que culminou no Iluminismo europeu do século XVIII, período em que se dá a transição da Idade Média para a Idade Moderna. Na origem da Renascença, na Itália, encontra-se a Academia Neoplatônica de Florença, que resgata textos gregos e egípcios clássicos e injeta energia nova na cultura, que vai materializar-se de forma verdadeiramente magnífica nas artes, repetindo, em boa medida, o milagre cultural ocorrido na Grécia Clássica. Depois, essa luminosidade gerada em Florença vai estender-se a outras áreas do conhecimento, deflagrar o Iluminismo e culminar na Idade Moderna, caracterizada por outro tipo de pensamento: o pensamento científico que gerou a Revolução Industrial. A hegemonia do pensamento científico estende-se até os dias atuais assim como o cristianismo também persiste, de sorte que esses momentos culturais que estamos destacando precisam ser entendidos como emersão e domínio, mais ou menos hegemônico, de novos modos de pensar.

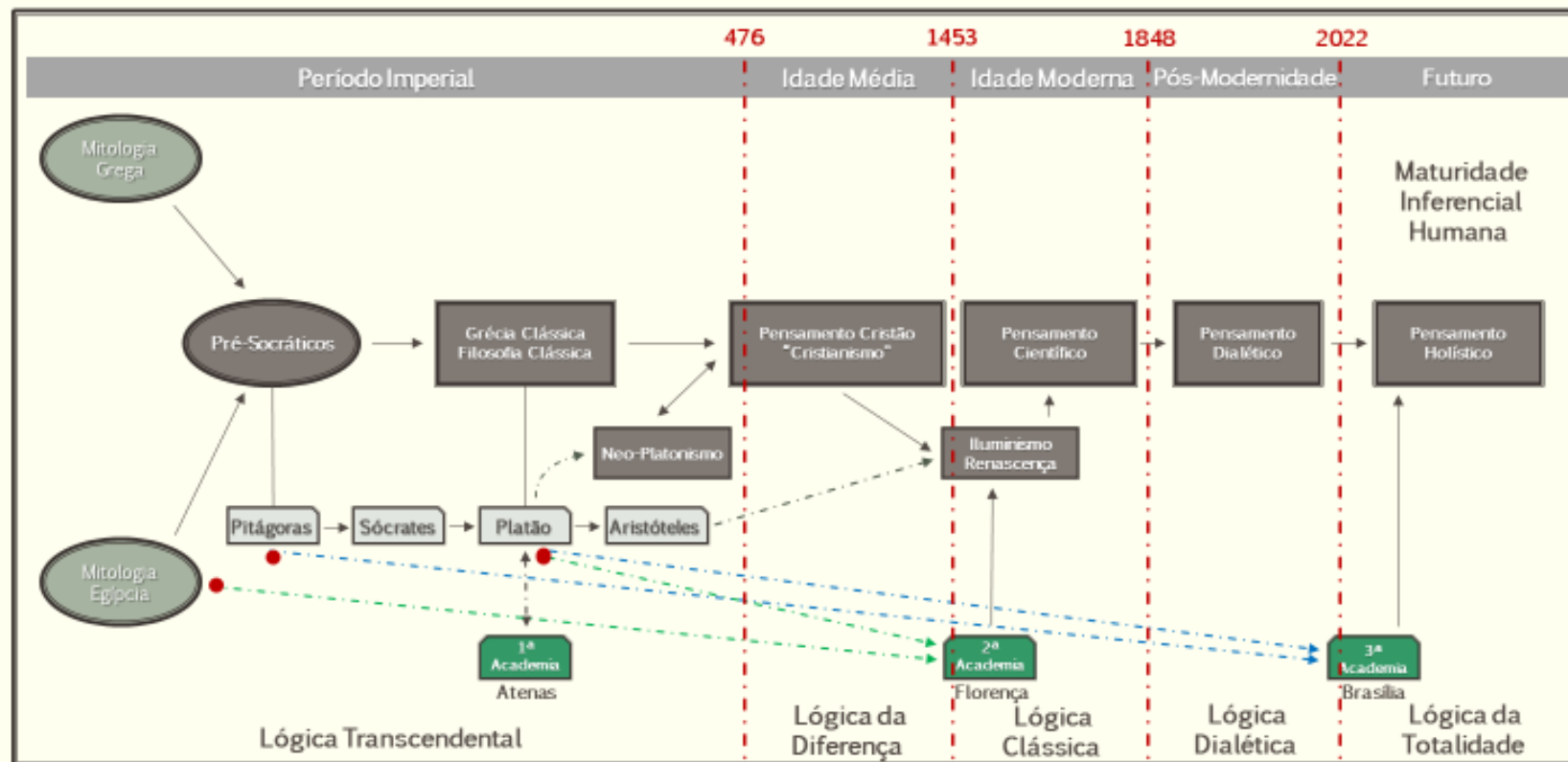
Do mesmo modo como aconteceu com o cristianismo, a hegemonia do pensamento científico foi igualmente contestada, com o advento das ideias comunistas e socialistas que surgiram em 1848, com Marx. O pensamento científico é baseado na lógica clássica, própria para

se considerar o funcionamento sistêmico. O pensamento socialista baseia-se na lógica dialética, própria para destacar os conflitos sociais e considerar o desenrolar da história, na qual tudo muda constantemente e tudo parece efêmero e volátil. O pensamento dialético diferencia-se tanto do pensamento sistêmico, que podemos designar de Pós-Moderno, o contexto cultural presidido por esse modo de pensar. O domínio do modo dialético de pensar manifesta-se sobretudo na cultura e nas artes, embora, em algumas regiões, como na Rússia e na China, e em alguns países da Europa e da América Latina, tenha conquistado também o Estado e o poder político, ao menos, por algum tempo. O modo dialético de pensar apresentou-se como contraponto e substituto do modo sistêmico de pensar, mas tanto na Rússia como na China já se percebeu, há algum tempo, que ele é apenas complementar e que não se pode, na gestão do estado, descuidar do pensamento sistêmico e da técnica e da ciência que ele patrocina. A Academia Platônica de Brasília surge, portanto, nesse contexto pós-moderno de ideias.

Quando se supera a superfície dos discursos e as razões circunstanciais que ensejaram e potencializaram cada um desses diferentes momentos culturais e se mergulha na questão em busca dos fundamentos lógicos que suportam cada um desses modos de pensar, constata-se a presença indelével de processo evolutivo de complexificação lógica e de conquista de crescente capacidade de discernimento, que vai ensejar realizações civilizatórias, também, crescentemente complexas e elaboradas. Esse fato, sobejamente demonstrado pelos registros históricos, pode ser entendido como processo natural de evolução de uma espécie dotada de inteligência, tal como a humana, e quanto a isso não nos parece possível levantar objeções.

O que resulta ser de conhecimento mais restrito é o fato de essa evolução já estar, em boa medida, preconizada na matemática que Pitágoras recolheu nos templos do Egito – matemática essa que moldou o movimento pitagórico e depois influenciou Sócrates e Platão. É com base nessa matemática que surgem a obra, os diálogos e a própria Academia de Platão, a qual visava a retirar os homens da caverna, conforme genialmente simbolizado na famosa alegoria do diálogo A República. Sendo a Academia de Platão a instância objetiva de formalização e de divulgação dessa doutrina, podemos atribuir-lhe grande parte do mérito pelo fulgor intelectual que brilhou em Atenas naquela época. Mais tarde, em 1462, Marsílio Ficino (1433-1499), atendendo desejo do patriarca da dinastia Médici, iniciou o resgate do platonismo na Itália, ao traduzir, naturalmente, os diálogos de Platão, mas, também, obra atribuída a Hermes Trismegisto, figura lendária que teria realizado os mais antigos registros da sabedoria ancestral do Egito Imperial. Com isso, entende-se que a Academia Neoplatônica de Florença, iniciada em 1462 e que encerrou atividades de 1523, logrou, efetivamente, entender Platão em seu modo de pensar, ao considerar e dominar os pressupostos pitagóricos e egípcios – sobretudo matemáticos – que estavam na base e potencializaram aquela obra. Consta que, quando a Academia Neoplatônica de Florença reunia-se completa, contavam-se nove pessoas e, no entanto, o seu efeito foi fulgurante, uma vez que deflagrou a Renascença italiana que, depois, desaguou no Iluminismo e na modernidade. Plotando essas percepções em esquema gráfico, obtém-se a seguinte figura-síntese:

Breve História das Ideias



Nessas circunstâncias históricas, a Academia Platônica de Brasília, que abre portas em 2022, caracteriza-se por realizar, também, tal como a Academia Neoplatônica de Florença, leitura da obra de Platão, que toma como referência a citada matemática pitagórica, e inscreve-se como terceira manifestação de uma mesma concepção filosófica. Atenas e Florença, cada uma no seu tempo, brilharam intensamente com o resgate de uma mesma sabedoria, assim como o Egito Imperial teve momentos de esplendor e glória, como atestam certas ruínas e certos monumentos.

Nesse cenário, o que esperar com o advento da Academia Platônica de Brasília? Segundo a matemática de Pitágoras, toda criação edifica-se pela geração cumulativa de complexidade, em cinco fases, que se estendem da unidade até a totalidade. Em cada uma dessas cinco fases, vigora uma amplitude e um padrão de movimento existenciais próprios, que implica movimento inferencial correspondente, isto é, um padrão típico de pensamento. Dado que o breve histórico das ideias destacado na figura-síntese reflete, também, as quatro grandes fases pelas quais passou e ainda passa a civilização humana, fica mapeado o processo de evolução da própria humanidade. Posicionando-se, no esquema, o ano de 2022 como data atual, 1848 como início do pensamento dialético, 1453 como queda de Constantinopla e 476 como queda de Roma, chegamos à conhecida classificação histórica, que distingue o Período Imperial, a Idade Média, a Modernidade, a Pós-Modernidade e uma fase futura, ainda não rotulada, mas que se afigura eminente em face das contradições e das insuficiências presentes no atual estágio pós-moderno. Nessa epopeia, o modo de pensar da humanidade parte de um pensamento mítico primevo. Questionado pelo espírito matemático grego, racionaliza o entendimento, converte-se em pensamento cristão dicotômico, com o cristianismo, assume a forma de pensamento sistêmico gerador da ciência e, depois, transforma-se em pensamento dialético da história.

Cada um desses padrões de pensamento demanda uma lei lógica própria correspondente: lógica transcendental, para dar conta da presença dos deuses; diferencial, para suportar as dicotomias corpo-alma/bem-mal do cristianismo; sistêmica, para viabilizar a ciência moderna; e dialética, para vislumbrar o processo histórico e potencializar a Pós-Modernidade. Assim, segundo os termos da matemática pitagórica, que preconiza cinco fases, o processo evolutivo da humanidade ainda prevê uma fase complementar para chegar ao seu termo, a qual caracterizaria a maturidade inferencial humana como um pensamento holístico que apenas pode ser patrocinado por uma lógica da totalidade.

Nesse contexto, a Academia Platônica de Brasília inscreve-se como portadora de uma fagulha virtualmente capaz de deflagrar uma nova fase no processo civilizatório que, ao concretizar-se, completaria um ciclo evolutivo humano de longo prazo, o qual teve início, aparentemente, há mais de dez mil anos.

Estas não são declarações que se faça a um público amplo e irrestrito. São, ao contrário, declarações que se faz privadamente, aos educandos matriculados na Academia, na intimidade de um processo iniciático, para que tenham plena consciência dos desafios e das potencialidades que se oferecem e que terão de enfrentar no curso dos estudos. Conforme se depreende do esquema, a Academia Platônica de Brasília, apenas se justifica na condição de cultivadora de mentes capazes de entender e de operar a lógica da totalidade que a evolução humana está demandando, para superar a confusão pós-moderna e seguir adiante.

Como também se depreende do esquema, o conjunto de conhecimentos e de saberes, cujo domínio resulta necessário para que o educando atinja tal propósito, não contempla toda a história da filosofia e todas as ideias de todos os pensadores que registraram esforços na busca de entendimento e de compreensão. Isso não significa desconsideração ou menos preço, mas apenas economia de esforços, na busca de um objetivo muito específico, de competência

cognitiva. A Academia não visa à erudição nem pretende concorrer com o ensino filosófico regular que prima por uma visão completa da história do pensamento humano. De outro modo, ela apresenta-se como recurso auxiliar que procura cobrir uma lacuna muito específica e fundamental, presente em todo ensino e em toda formação humana hoje oferecida. Pretende fazê-lo, disponibilizando um método formal de pensar que use todas as lógicas e todos os recursos inferenciais que instrumentalizam a mente dos homens.

Com isso, parece-nos pertinente caracterizar a Academia Platônica de Brasília como terceira academia, sendo a primeira a do próprio Platão, e a segunda a de Florença. Platão fez o que foi possível em sua época, registrou tudo por escrito e legou seus diálogos à posteridade. A Academia Neoplatônica de Florença contou com o patrocínio dos Médici, grandes mecenas das artes, o que potencializou a Renascença. Agora, a terceira academia de Brasília é, das três, a que nasce mais modesta e ainda não encontrou o seu mecenas. Tem, entretanto, grandes potencialidades, considerando-se a existência de infraestrutura de telecomunicações e de informática de abrangência mundial, sob medida para universalizar ideias e concepções – um requisito indispensável para a vigência de uma lógica da totalidade –, de sorte que não se trata apenas do amadurecimento de ideias, mas do apronto de condições técnicas e civilizatórias gerais, necessárias e indispensáveis para que a evolução se torne possível.

Desprovidos de recursos, começamos modestamente, e a nossa expectativa é encontrar um número suficiente de pessoas, cujos espíritos também estejam maduros, prontos e dispostos a promover e liderar esse salto qualitativo da humanidade.